

MÍDIA E RELAÇÕES DE GÊNERO NAS PUBLICAÇÕES FEMINISTAS BRASILEIRAS

Lirían Sifuentes, Bruna Rocha Silveira y Janaina Cruz de Oliveira*

RECIBIDO: 25 de enero de 2012

ACEPTADO: 30 de marzo de 2012

CORREO ELECTRÓNICO: lisifuentes@yahoo.com.br
bruna.rochasilveira@gmail.com
janaina.cruzdeoliveira@gmail.com

* Investigadoras del Grupo de Estudios sobre el Imaginario, Sociedad y Cultura del Programa de Posgrado de Comunicación Social de la Facultad de Comunicación Social de la Pontificia Universidad Católica del Río Grande del Sur (PUCRS), Brasil.

PALAVRAS-CHAVE | mídia, relações de gênero, publicações feministas brasileiras, mapeamento.

PALABRAS CLAVE | medios de comunicación, relaciones de género, publicaciones feministas brasileñas, cartografía.

KEYWORDS | media, gender relations, Brazilian feminist publications, mapping.

RESUMO

Este trabalho busca identificar a presença da problemática *mídia e relações de gênero* nos periódicos feministas *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas* –as duas publicações feministas há mais tempo em circulação no Brasil–, realizando um levantamento dos artigos publicados no período de 2001 a 2009. Pesquisas no campo da comunicação, em que se diagnosticou que a temática das relações de gênero pouco se faz presente na área, conformaram nossa hipótese inicial de que há carência desse cruzamento. Essa pressuposição foi confirmada, pois poucos estudos demonstraram preocupação com a articulação entre mídia e feminismo nas publicações consideradas.

RESUMEN

En este trabajo se pretende identificar la presencia de la problemática de los medios de comunicación y las relaciones de género en las revistas feministas *Cadernos Pagu* y *Revista Estudos Feministas*, las dos publicaciones feministas en circulación en Brasil, realizando un levantamiento de los artículos publicados entre 2001 y 2009. La investigación en el campo de la comunicación, que diagnosticó que el tema de las relaciones de género está presente en algunas áreas, conforma nuestra hipótesis inicial de que hay una falta en esta área. Esta hipótesis fue confirmada por pocos estudios que se referían a la relación entre los medios de comunicación y el feminismo en las publicaciones consideradas.

ABSTRACT

This paper aims to identify the presence of problematic *media and gender relations* in feminist journals *Cadernos Pagu* and *Revista Estudos Feministas* –the two longest feminist publications in Brazil–, conducting a survey of articles published between 2001 and 2009. Communication researches, which diagnosed that the issue of gender relations rather is present in the area, have set up our initial hypothesis that there is a lack of that crossing. This assumption was confirmed, whereas few studies were concerned with the relation between media and feminism in the publications considered.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A preocupação em estudar o gênero como uma categoria analítica e teórica tem início na última metade do século XX, mais especificamente na década de 1960, com o chamado “Novo Feminismo”, que conquistou espaço nos países de capitalismo avançado (Franchetto, Cavalcanti e Heilborn, 1981). As feministas organizaram-se no período pós-guerra em um movimento que buscava transformar as relações entre homens e mulheres e “construir uma nova identidade capaz de definir sua posição na sociedade e, ao fazê-lo, de buscar a transformação de toda a estrutura social” (Castells, 2000: 24).

O movimento feminista e os estudos sobre gênero¹ desenvolveram-se paralelamente e, mais do que isso, grande parte das feministas são estudiosas que pesquisam a opressão feminina e, concomitantemente, reivindicam uma transformação na posição da mulher na sociedade. Atualmente, contudo, muitas pesquisadoras das relações de gênero buscam se desvincular da imagem de militantes (Grossi, 2004).

Na Comunicação, as relações de gênero são pouco problematizadas e ainda carecemos de estudos que articulem as duas temáticas (Escosteguy, 1998, 2002, 2008; Jacks, Menezes e Piedras, 2008; Meirelles, 2009; Sifuentes, 2010). Mesmo objetos como a telenovela, programa considerado predominantemente feminino, não têm merecido uma problematização à luz dos debates sobre as relações de gênero, com raras exceções. Nesses estudos, especificamente aqueles que focam na recepção da telenovela, as mulheres costumam ser as principais informantes, todavia, como destaca Escosteguy (2002), são consideradas apenas como uma variável sociodemográfica, não sendo seu aparecimento nas pesquisas sinônimo da problematização das relações de gênero.

Tomando os Estudos Culturais como referência para comparações entre as pesquisas brasileiras e as internacionais, notamos que os estudos feministas anglo-americanos iniciaram na década de 1970, consolidando-se nos anos 1980 e permanecendo como um campo notável de estudos. Mesmo que tal linha tenha se desenvolvido posteriormente na América Latina, desde a década de 1980 é adotada em larga medida por aqui. Porém, até hoje, não se percebe uma maturidade no cruzamento entre esses dois temas –gênero e mídia– nas pesquisas desenvolvidas dentro do enquadramento dos Estudos Culturais na sua articulação com os estudos de mídia no Brasil.

Nos anos 2000, esse quadro passa a apresentar modificações e percebe-se, mais recentemente, um desenvolvimento desses estudos, o que pode ser verificado no número de trabalhos apresentados em congressos, publicações e dissertações e teses de

¹ Apesar das discussões acerca da denominação estudos *feministas*, *de relações de gênero* ou *de mulheres* (Grossi, 2004), iremos usar as expressões indistintamente, uma vez que o que nos interessa aqui é mapear esses variados entendimentos da questão de gênero entrecruzados com a Comunicação.

Comunicação. Entre 1992 e 1999, das 1589 teses e dissertações defendidas em programas de pós-graduação em Comunicação, apenas 29 foram classificadas como estudos de gênero e comunicação. Já no período de 2000 a 2002, em apenas três anos, o número de trabalhos defendidos foi de 1665, sendo 36 abordando gênero.

Se analisarmos esses números em termos de porcentagem, no entanto, a evolução não foi tão significativa. No levantamento da década de 1990, os estudos de gênero nos programas de Comunicação representavam 1,82 por cento, e nos três primeiros anos da década de 2000, constituíam 2,16 por cento. Em números absolutos, no entanto, significam um aumento real de pessoas estudando a temática e colaborando para sua compreensão.

Com esse contexto em vista, buscamos identificar o que está sendo apresentado sobre a pesquisa da mídia nas publicações feministas brasileiras. Focamos nossa investigação nos *Cadernos Pagu* e na *Revista Estudos Feministas*, as duas publicações feministas há mais tempo em circulação no Brasil. A *Revista Estudos Feministas* produziu seu primeiro número em 1992. Os *Cadernos Pagu*, por sua vez, iniciaram sua circulação no ano seguinte. O período investigado compreende a primeira década dos anos 2000, mais especificamente, as edições publicadas pelos periódicos entre 2001 e 2009, e disponibilizadas na Internet.²

Nosso objetivo principal é mapear a ocorrência de trabalhos que se debruçam na investigação das relações de gênero cruzadas pela Comunicação na *Revista Estudos Feministas* e nos *Cadernos Pagu*, verificando se é significativo o volume de trabalhos desenvolvidos a partir dessa intersecção. Ademais, outros propósitos compõem nosso interesse com este trabalho: a) conhecer a origem dos pesquisadores que relacionam gênero e mídia seja no que se refere às áreas de atuação quanto às regiões das instituições das quais fazem parte; b) saber a quais autores mais se recorre; c) examinar qual a significância do número de homens que têm realizado pesquisas com esse interesse.

Para isso, realizamos uma busca por palavras-chave relativas à mídia nas edições incluídas no período de estudo. Com o *corpus* de artigos formado, realizamos uma análise para identificar, entre os trabalhos selecionados, quais poderiam ser classificados como de Comunicação. Foi sobre esse conjunto de textos que focamos nosso estudo.

Nosso levantamento incluiu 42 edições, entre *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*, com um total de 560 artigos. Encontramos 44 artigos com as palavras-chave pesquisadas. Por fim, após serem classificados como trabalhos de Comunicação, nossa análise recaiu sobre 27 artigos (brasileiros).

2. A PROBLEMÁTICA DA COMUNICAÇÃO NAS PUBLICAÇÕES DE GÊNERO

Para a realização deste trabalho foram analisados os periódicos *Revista Estudos Feministas* e *Cadernos Pagu*, uma vez que são as mais antigas publicações feministas em

² Site da Revista Estudos Feministas: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=0104-026x&script=sci_serial. Site dos Cadernos Pagu: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0104-8333&lng=pt&nrm=iso.

circulação no Brasil, bem como por terem criado uma sólida tradição de pesquisa sobre mulher e gênero (Grossi, 2004). Ademais, desse modo, podemos verificar de que forma a articulação entre mídia e gênero está sendo apresentada nas publicações especializadas na temática feminista. Foi escolhido o período entre 2001 a 2009 porque a) a partir de 2001 ambas as publicações passaram a ser disponibilizadas online; b) permite retratar o momento atual da questão estudada.

Após o *download* dos exemplares do período, realizamos uma triagem separando todos os artigos das edições.³ Posteriormente, foi realizada a leitura dos resumos e a identificação das palavras-chave com referências à comunicação. As palavras-chave buscadas nos resumos foram: comunicação, mídia (midiático), televisão (TV), cinema, revista, jornal (jornalismo, jornalístico), audiovisual, Internet (*web*), rádio (radiofônico), entretenimento, informação, publicidade (publicitário). Após essa primeira seleção a partir dos resumos, os artigos foram lidos na íntegra e analisados a fim de identificarmos quais trabalhos destacavam a mídia como tema ou objeto de estudo.

Para a análise, os artigos foram tabelados de forma a destacar a área de atuação dos autores dos textos, o tema do trabalho, o meio de comunicação estudada, as palavras-chave destacadas, os principais autores citados, a metodologia utilizada e os resultados obtidos. Por fim, foram estabelecidos critérios para a seleção dos artigos como incluídos na problemática da Comunicação, quais sejam: autor da área da Comunicação; uso de teorias vinculadas ao campo da Comunicação; destacada importância a um meio de comunicação. Os trabalhos deveriam apresentar ao menos uma dessas características para serem classificados como com ênfase na *Comunicação*.

Além disso, para os resultados que seguem, agrupamos os textos em categorias a fim de facilitar as aproximações entre as duas publicações. São elas: publicidade, corpo e sexualidade, telenovela, questões de saúde, violência contra a mulher, memórias coletivas sobre a mulher, masculinidade e política.

2.1. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS

A *Revista Estudos Feministas* (REF), sediada no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, é um periódico interdisciplinar, de circulação nacional e internacional, que tem como objetivo divulgar a produção de conhecimento no campo dos estudos feministas e de gênero. Publicada desde 1992, a REF trazia, até 2004, duas edições anuais, com uma média de dez artigos cada. Em 2004, passou a ter três edições anuais. Dessa forma, foram analisadas 24 edições da revista, compondo um total de 355 artigos. Desse total, apenas 17 trabalhos problematizaram a Comunicação Social e os meios de comunicação de massa.⁴

³ A *Revista Estudos Feministas* apresenta as seguintes seções: editorial, artigos, ponto de vista, artigos temáticos e resenhas. Desses, fizemos usos dos textos apresentados em "artigos" e "artigos temáticos", por se estruturarem propriamente como artigos. A revista *Cadernos Pagu* é composta por: apresentação, dossiê, artigos e resenhas. Pelo mesmo motivo, focamos o estudo nos textos de "dossiê" e "artigos". Assim, foram desconsiderados comentários, resenhas, entrevistas e apresentações de todas as edições de ambos os periódicos.

⁴ Embora tenham apresentado as palavras-chave buscadas, outros quatro textos utilizaram os meios de comunicação como parte do objeto de análise, sem, contudo, problematizar a Comunicação. Nos textos de Citeli (2001) e Amorim (2008), revistas impressas e jornais foram utilizados como objeto de consulta histórica

A maioria dos artigos classificados como de Comunicação foram escritos por profissionais de outras áreas,⁵ como Ciências Sociais (7) e Educação (4). Apenas três textos foram produzidos por estudiosos atuantes na área da Comunicação. O primeiro deles, "O corpo feminino como objeto médico e 'mediático'" (Natansohn, 2005), discute como a menstruação é representada na mídia em programas com presença de profissionais de saúde. Em "O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira", Araújo (2008) estuda a representação dos atores e das atrizes negras na telenovela e no cinema em 50 anos. Com enfoque nas novas tecnologias, "Os wannabees e suas tribos: adolescência e distinção na Internet" (Pereira, 2007) pretende entender de que forma a adolescência constrói sua identidade a partir de processos de distinção e controle social na Internet. A Internet também foi tema do único artigo internacional em comunicação (Abdel-Moneim, 2002), com foco no crescimento da resistência virtual de grupos sociais no ciberespaço, sugerindo novas leituras dos movimentos sociais na era digital a partir do exemplo da rebelião de Chiapas.

A publicidade é um dos objetos preferidos para ser estudado em conjunto com as questões de gênero na REF. Quatro trabalhos focam as representações de gênero e sexualidade na publicidade: "Pedagogia cultural, gênero e sexualidade" (Sabat, 2001); "Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV" (Fischer, 2001); "'Mulher sem-vergonha' e 'Traidor responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS" (Meyer et al., 2004); e "Corpo e identidade na propaganda" (Beleli, 2007). Nesses artigos, a publicidade chama os consumidores à identificação com lugares sociais (pré)fixados, reificando ou desestabilizando noções de gênero e sexualidade.

A telenovela foi foco em quatro artigos: "Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela" (Almeida, 2007); "A expansão do 'feminino' no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80" (Hamburger, 2007); "Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas" (Silva e Moura, 2008); e "O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira" (Araújo, 2008), inserido entre os trabalhos produzidos por autores da Comunicação. Almeida (2007) apresenta as correlações entre telenovela, consumo e gênero, por meio de um estudo etnográfico de recepção de novelas, com o objetivo de compreender como a mídia está articulada à promoção da cultura do consumo. Hamburger (2007) busca nas telenovelas dos anos 1970 e 1980 as relações entre meios de comunicação de massa e representações das relações de gênero. Diferentemente dos dois primeiros artigos, o que Silva e Moura (2008) analisa não é o discurso que compõe a trama da telenovela, mas um depoimento-confissão selecionado de *Páginas da Vida*. Nesse trabalho, são discutidas as noções de masturbação, anomalia e práticas de confissão, associadas a investigações voltadas para as subjetividades femininas veiculadas pela mídia.

para analisar a representação do corpo da mulher. Nos textos de Maluf (2002) e Schmidt (2009), o cinema é utilizado para discutir a questão dos transgêneros e do corpo feminino, respectivamente.

⁵ Como opção metodológica, as áreas dos autores foram definidas por atuação (não por formação). Para isso, realizamos uma busca paralela na *Plataforma Lattes*, visto que a maioria dos trabalhos não apresentava essa informação sobre os autores.

Questões de saúde também são discutidas nos trabalhos que articulam mídia e feminismo. O artigo “Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia” (Brigeiro e Maksud, 2009) analisa em jornais de grande circulação, quais são os discursos sobre a sexualidade na sociedade brasileira, com base no surgimento do Viagra na esfera pública nacional. Também examinando o discurso jornalístico sobre saúde, “Fetos anencefálicos e embriões para pesquisa: sujeitos de direitos?” (Luna, 2009) discute as notícias publicadas entre os anos de 2000 a 2005 sobre a fertilização in vitro e os fetos anencefálicos a partir dos debates para a aprovação da Lei de Biossegurança. Ainda inserida nas questões de saúde, “O corpo feminino como objeto médico e ‘mediático’” (Natansohn, 2005) foi anteriormente citado por ser um dos três trabalhos escritos por um autor da Comunicação.

Dois textos abordam o modo como a violência contra a mulher é apresentada na mídia. No caso de “Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque” Rial (2007) estuda a representação da violência na mídia e, mais especificamente, a falta dessas representações, como no caso dos estupros na Guerra do Iraque. Já Pereira (2009), em “Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais” discute se os discursos jornalísticos que descrevem a violência não seriam eles próprios violentos.

Masculinidade e política estão entre os temas minoritários. Versa-se sobre a masculinidade no trabalho de Ribeiro; Siqueira (2007), “O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes”, destacando o “novo homem” retratado na mídia. A política também foi discutida em apenas um trabalho. O texto “Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso” (Finamore e Carvalho, 2006) examina o papel da mídia na decisão dos eleitores e a posição destes como intérpretes dessas mensagens midiáticas.

O mote da representação do corpo e da sexualidade na mídia, além de ser abordada nos trabalhos de publicidade, telenovela, saúde e violência contra a mulher, aparece como tema principal no artigo “Corpo e gênero: uma análise da revista ‘TRIP Para Mulher’” (Matos e Lopes, 2008). As autoras avaliam como uma revista feminina, que se assume como diferente do que existe no mercado das revistas femininas, representa o corpo da mulher.

2.2. CADERNOS PAGU

Cadernos Pagu é uma publicação semestral do Núcleo de Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), um centro interdisciplinar de pesquisa voltado para a produção e disseminação do conhecimento em torno da problemática de gênero. Publicado desde 1993, é um dos principais periódicos brasileiros centrados na questão de gênero. Para este trabalho, são consideradas as publicações digitais disponibilizadas entre 2001 e 2009, totalizando 18 edições⁶ e 205 textos, com uma média de 12 trabalhos por edição.

⁶ A publicação é semestral, porém, em 2001, houve apenas uma edição (n. 16). Por isso, no primeiro semestre de 2002, duas edições – 17 e 18 – foram publicadas em um mesmo exemplar.

Após a realização da busca por palavras-chave, 23 artigos foram destacados. Desses, selecionamos apenas dez para a classificação proposta como Comunicação; sete foram desconsiderados da análise por serem textos produzidos fora do Brasil; e seis, embora apresentassem no resumo as palavras-chave buscadas e possuísem alguma referência à área, não eram textos de Comunicação, uma vez que a comunicação ou os meios de comunicação apareceram apenas como parte da metodologia, ou seja, não se enquadraram nos critérios apresentados anteriormente⁷.

Destacamos, primeiramente, três artigos que tratam do tema corpo e sexualidade, no cinema e em revistas: “Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade” (Bessa, 2007); “O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar” (Mira, 2003); e “Corpo e masculinidade na revista VIP Exame” (Monteiro, 2001). São trabalhos com abordagens diferentes, mas que se aproximam pela temática. Bessa (2007) foca as transformações das identidades sexuais do movimento GLBT, configurando uma nova cinematografia denominada, no início dos anos 1990, como *queer movie*; Mira (2003) trata do surgimento de uma “nova masculinidade” nas relações de gênero; e por último, a relação da masculinidade com a preocupação contemporânea com o corpo é discutida por Monteiro (2001).

A publicidade e a propaganda aparecem como tema relacionado à mídia e às representações em três casos. O artigo “O velho na propaganda” (Debert, 2003) trata das imagens de mulheres e homens idosos na publicidade, fazendo uso de entrevistas com criadores de propagandas e ativistas da questão da velhice, e de uma dinâmica de grupo com idosos. Já em “Mulher e família no Programa Bolsa-Escola: maternidades veiculadas e instituídas pelos anúncios televisivos” (Klein, 2007), há a problematização dos processos de produção e veiculação de representações da maternidade nos anúncios televisivos do programa social do governo federal. Almeida (2002), em “Melodrama comercial: reflexões sobre a feminilização da telenovela” faz um estudo em que relaciona publicidade e telenovela. A partir da observação de anúncios publicitários direcionados às mulheres, a pesquisadora demonstra que há um grande interesse comercial na produção simbólica do feminino, bem como do público para com o produto telenovela.

Há também a utilização de periódicos ou revistas antigas para estudar aspectos da memória coletiva sobre o ser mulher. Em “O sexo feminino em campanha pela emancipação da mulher”, Nascimento; Oliveira (2007) estuda o semanário “O sexo feminino”, de 1983, para entender o papel da mulher nas questões políticas, culturais e educacionais do século XIX. Já o artigo “Narrativas de leitoras da revista Capricho: memória e subjetividade” (1950 a 1960) (Miguel e Pedro, 2009), traz como corpus a revista Capricho da metade do século XX como “lugar da memória” e constituição da subjetividade através das publicidades da época.

⁷ Os artigos desconsiderados foram: “Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher” (Botti, 2003); “Gênero e parentesco: família gays e lésbicas no Brasil” (Grossi, 2003); “Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960” (Bonadio, 2004); “Frentenegrinas: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta antirracista no Brasil” (Domingues, 2007); “Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo” (Braz, 2007); e “A vida como ela é...: imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues” (Zechlinski, 2007).

Os outros dois artigos do *corpus* enquadram-se nas temáticas saúde e violência. O antagonismo entre os gêneros é tratado por autoras da Medicina em “A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter” (Ribeiro e Rohden, 2009). Por último, Landini (2006) faz um resgate do que foi publicado sobre violência sexual contra crianças e adolescentes por um jornal de grande circulação em São Paulo.

2.3. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS PUBLICAÇÕES

Em ambas as revistas, mesmo com uma edição especial sobre a mídia⁸ em cada uma delas, são poucos os artigos que versam sobre a problemática da Comunicação e, mais escassos ainda, os trabalhos escritos por pesquisadores da área: dos 17 artigos sobre mídia na REF, apenas três são de estudiosos da Comunicação Social. Nos *Cadernos Pagu*, dos dez trabalhos nacionais que abordam a temática, nenhum deles foi escrito por profissionais da área, isto é, predominam autores das Ciências Sociais⁹ (12) e Educação (6). Na edição *Olhares alternativos*, de 2003, dos *Cadernos Pagu*, embora o dossiê proposto seja justamente a mídia, nem mesmo nessa edição, participam pesquisadores brasileiros da Comunicação. Nesse dossiê, apenas um trabalho é produzido por autora da Comunicação, oriunda, contudo, de Portugal.

É interessante destacar que a REF foi publicada, em seus primeiros sete anos, a partir da Escola de Comunicação da UFRJ, sob direção de Heloísa Buarque de Hollanda, pesquisadora da Comunicação. Entretanto, sua participação na revista não representou significativa influência para que a Comunicação ganhasse espaço na publicação. Esse dado nos permite inferir que antes de um “preconceito” com a área, o que há é, de fato, pequena produção de pesquisas com essa articulação, como já nos mostrava os estudos de Escosteguy (1998, 2001, 2002), Jacks, Menezes e Piedras (2008), Meirelles (2009) e Sifuentes (2010).

Em 1999, a REF passou a ser publicada pelo Centro de Filosofia e Ciências Humanas da UFSC, com o apoio do Centro de Comunicação e Expressão, que abriga os cursos de Jornalismo, Letras, Design, Cinema e Artes Cênicas. Essa parceria foi importante no processo de “como fazer” uma revista (Grossi, 2004). Entretanto, mesmo tendo o envolvimento de profissionais da Comunicação na confecção do periódico, o número de artigos envolvendo gênero e Comunicação permaneceu pouco significativo.

Piscitelli, Beleli e Lopes (2003) apresentam um panorama de 19 edições dos *Cadernos Pagu* publicadas até 2003, em que alertam para a concentração nas áreas de antropologia (32%), história (23%), sociologia (21%), teoria literária e linguística (9%), filosofia (4%), educação (3%) e psicologia (2%). As autoras destacam um esforço das comissões editoriais para que haja uma crescente pluralidade no conteúdo das publicações:

⁸ Um Dossiê Mídia foi publicado nos *Cadernos Pagu*, em 2003 (n. 21), e na REF, em 2007 (vol. 15, n. 1). Na apresentação do dossiê apresentado nos *Cadernos Pagu*, as editoras justificam a relevância de um número dedicado ao tema por ser “inegável a importância da mídia na constituição dos sujeitos na sociedade contemporânea” (Almeida e Beleli, 2003: 9).

⁹ Antropologia ou Sociologia.

Outras áreas disciplinares estão presentes apenas com 1 por cento da produção –biologia, geografia, informática, jornalismo, ciência política, medicina, química. É importante chamar a atenção para essas áreas porque sua presença expressa o esforço da revista por ampliar o leque de abordagens disciplinares presentes na publicação, particularmente a partir do número 15. (Piscitelli, Beleli e Lopes, 2003: 244).

Embora as edições analisadas neste trabalho representem um momento posterior ao apresentado pelas autoras, encontramos resultados semelhantes. Desse modo, podemos destacar que pouco mudou entre as 19 edições dos *Cadernos Pagu*, analisadas por Piscitelli, Beleli e Lopes (2003), e as últimas 18, aqui investigadas. Se, em 2003, as pesquisadoras destacavam que menos de 1 por cento dos estudos publicados na revista eram oriundas da disciplina Comunicação –representada pelo Jornalismo–, hoje, não encontramos, nos *Cadernos Pagu*, nenhuma produção de autoria de um pesquisador da Comunicação.¹⁰

Outra minoria nas publicações são os homens. Considerando as duas publicações, REF e *Cadernos Pagu*, apenas seis, dos 41 autores dos textos analisados aqui, são homens. Entre esses, três¹¹ apresentaram artigos individuais, os outros três¹² assinam em parceria com mulheres. Ainda sobre os autores que discutem a Comunicação, são majoritárias as publicações das regiões sudeste do Brasil. Na REF, dez artigos são de pesquisadores do sudeste; quatro, do sul; dois, do nordeste; e um, do centro-oeste. Nos *Cadernos Pagu*, oito textos são de instituições do sudeste; e dois, da região sul, não estando as demais regiões representadas por artigos acerca da Comunicação.

Alguns autores são citados em quase todos os artigos analisados, são eles: Donna Haraway, Stuart Hall, Renato Ortiz, Pierre Bourdieu, Michel Foucault, Arjun Appadurai, Jean Baudrillard, Roberto da Matta, Clifford Geertz, Zygmunt Bauman e Anthony Giddens. Esses dados, contudo, remetem-nos a uma discussão acerca da maturidade acadêmica da disciplina da Comunicação, para a qual autores de outros campos têm grande importância para o embasamento teórico. Esses autores acima relacionados estão presentes nas pesquisas da área relacionadas aos mais diversos objetos, e nenhum deles têm formação na Comunicação.

Dos meios de comunicação focados nos artigos, há uma preferência por televisão e revistas impressas, seguidas do jornal impresso. A Internet ainda é um meio pouco explorado nos estudos presentes no *corpus*.

Por fim, destaca-se a preocupação com a forma como a mídia representa a mulher, principalmente em relação ao seu corpo e sexualidade. Pode-se dizer que as relações entre corpo, sexualidade e gênero permeiam todos os artigos que problematizam a Comunicação nas publicações pesquisadas. A mídia se apresenta nesses

¹⁰ Considerando apenas os autores brasileiros, visto que nossa preocupação é com a produção nacional que articula mídia e feminismo.

¹¹ Joel Zito Araújo, Pedro Paulo Gomes Pereira e Marko Monteiro.

¹² Mauro Brigeiro, João Eduardo Coin de Carvalho e Bernardo J. Oliveira.

artigos como um meio de construção, desconstrução e reconstrução das noções de gênero, corpo e sexualidade.

4. À GUIA DE CONCLUSÃO

Segundo Grossi (2004), ainda carecemos, de modo geral, de publicações sobre o feminismo contemporâneo, o que pode ser relacionado ao fato da temática feminista ser relativamente recente no Brasil. Pode-se tomar como marco dos estudos feministas brasileiros o ano de 1967, com a defesa da tese de livre docência de Heleieth Saffioti, na USP. Na época, devido ao contexto de ditadura militar por que passava o país, os estudos feministas apresentavam preocupações particulares, como a luta de classes e o combate à ditadura, além do interesse em conhecer a situação da mulher brasileira. Devido a esse contexto social e cultural, o campo se desenvolveu a partir das esferas política e econômica, sendo secundárias as questões culturais. A comunicação e a cultura passaram a ser preocupações dos estudos feministas num momento posterior. Isso justificaria, em parte, a pouca quantidade de estudos feministas em conjunto com a comunicação.


Por outro lado, a centralidade da mídia na sociedade brasileira, no mínimo nas últimas duas décadas, exige uma urgência no desenvolvimento dos estudos que articulem feminismo e os meios de comunicação de massa. De tal modo, é preocupante que tão pouco se pense a respeito, seja a partir dos pesquisadores oriundos da Comunicação quanto dos de outras áreas de conhecimento.

Os discursos sobre o feminino e o masculino apresentados na mídia são estabelecidos de forma invisível e não se mostram propriamente como imposições, mas como algo agradável, que serve a alguns interesses femininos, conquistando, assim, a cumplicidade das mulheres para sua própria subordinação (Bourdieu, 2007). Os meios de comunicação social têm papel importante na construção das identidades femininas, pois difundem representações que servem como parâmetros às receptoras, seja por sua identificação ou pelas comparações com as realidades contrastantes (Charles, 1996).

Por fim, nosso levantamento concluiu que os trabalhos brasileiros de Comunicação somam 27 artigos no período de 2001 a 2009 nas publicações *Cadernos Pagu* e *Revista Estudos Feministas*. Esse número significa que apenas 4,8 por cento dos trabalhos publicados nesses periódicos estão centrados na temática da mídia. Chama a atenção o fato de que os pesquisadores do campo não são responsáveis por mais do que 11 por cento dos estudos de nosso *corpus*.

Assim, consideramos que há ainda um longo caminho a ser percorrido pelos estudos que articulam gênero e mídia no Brasil, especialmente pelos pesquisadores que atuam na Comunicação. Fica claro que, assim como nas pesquisas da Comunicação a temática das relações de gênero não se destaca (numericamente), as pesquisas que circulam nas principais revistas feministas do Brasil pouco têm abordado a questão da mídia.

Identificado nessa virada um quarto e último desdobramento nas relações entre crítica feminista e estudos de mídia, vale a pena recuperar a voz de Angela McRobbie,

pesquisadora que desde a década de 70 investiga questões ligadas ao tema, situada no âmbito do feminismo e dos estudos culturais. Conforme essa autora, a cultura midiática efetiva um apagamento do feminismo, quando dissemina a ideia de que o feminismo é algo datado e não tem mais função. Através de textos prazerosos e bem-humorados que contraditoriamente se filiam a valores neoconservadores em relação ao gênero e se integram a processos de caráter mais liberador, as relações de poder são feitas e refeitas, construindo um “novo regime de gênero” (McRobbie, 2008). Portanto, a porta continua aberta para que a trajetória da crítica feminista recomponha seu objeto de estudo, dando a merecida atenção à mídia, sobretudo, entre nós, onde tal laço ainda não se consolidou. 

REFERÊNCIAS

- Abdel-Monein e Sarah Grussing (2002). "O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético." *Revista Estudos Feministas* 10(1), Florianópolis, pp. 39-64.
- Almeida, Heloisa Buarque de (2002). "Melodrama comercial: reflexões sobre a feminilização da telenovela." *Cadernos Pagu* (19), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 171-194.
- _____ (2007). "Consumidoras e heroínas: gênero na telenovela." *Revista Estudos Feministas* 15(1), Florianópolis, pp. 177-192.
- Almeida, Heloisa Buarque de e Iara Beleli (2003). "Apresentação do dossiê mídia." *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 9-12.
- Amorim, Suely Teresinha Schmidt Passos de (2008). "Aleitamento materno ou artificial: práticas ao sabor do contexto. Brasil (1960-1988)." *Revista Estudos Feministas* 16(2), Florianópolis, pp. 581-598.
- Araújo, Joel Zito (2008). "O negro na dramaturgia, um caso exemplar da decadência do mito da democracia racial brasileira." *Revista Estudos Feministas* 16(3), Florianópolis, pp. 979-985.
- Beleli, Iara (2007). "Corpo e identidade na propaganda." *Revista Estudos Feministas* 15(1), Florianópolis, pp. 193-215.
- Bessa, Karla (2007). "Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade." *Cadernos Pagu* (28), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 257-283.

- Bonadio, Maria Cláudia (2004). "Dignidade, celibato e bom comportamento: relatos sobre a profissão de modelo e manequim no Brasil dos anos 1960." *Cadernos Pagu* (22), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 47-81.
- Botti, Mariana Meloni Vieira (2003). "Fotografia e fetiche: um olhar sobre a imagem da mulher." *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 103-131.
- Bourdieu, Pierre (2007). *A dominação masculina*. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.
- Braz, Camilo Albuquerque de (2007). "Macho versus Macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo." *Cadernos Pagu* (28), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 175-206.
- Brigeiro, Mauro e Ivia Maksud (2009). "Aparição do Viagra na cena pública brasileira: discursos sobre corpo, gênero e sexualidade na mídia." *Revista Estudos Feministas* 17(1), Florianópolis, pp. 71-88.
- Castells, Manuel (2000). *O poder da identidade*. Paz e Terra, Rio de Janeiro.
- Charles, Mercedes (1996). "El espejo de Venus: Una mirada a la investigación sobre mujeres y medios de comunicación." *Signo y pensamiento* (28), Universidad Javeriana, Facultad de Comunicación y Lenguaje, pp. 37-50.
- Citeli, Maria Teresa (2001). "Fazendo diferenças: teorias sobre gênero, corpo e comportamento." *Revista Estudos Feministas* 9(1), Florianópolis, pp. 131-145.
- Debert, Guita Grin (2003). "O velho na propaganda." *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 133-155.
- Domingues, Petrônio (2007). "*Frentenegrinas*: notas de um capítulo da participação feminina na história da luta antirracista no Brasil." *Cadernos Pagu* (28), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 375-374.
- Escosteguy, Ana Carolina (1998). *A contribuição do olhar feminista*. *Revista InTexto* (3), Porto Alegre, pp. 1-11.
- _____ (2002). "Os estudos de recepção e as relações de gênero: algumas anotações provisórias." *Ciberlegenda* (7), Rio de Janeiro.

- _____ (org.) (2008). *Comunicação e gênero: a aventura da pesquisa* [recurso eletrônico]. EDIPUCRS, Porto Alegre.
- Finamore, Claudia Maria e João Eduardo Coin de Carvalho (2006). "Mulheres candidatas: relações entre gênero, mídia e discurso." *Revista Estudos Feministas* 14(2), Florianópolis, pp. 347-362.
- Fischer, Rosa Maria Bueno (2001). "Mídia E Educação Da Mulher: Uma discussão teórica sobre modos de enunciar o feminino na TV." *Revista Estudos Feministas* 9(2), Florianópolis, pp. 586-599.
- Franchetto, Bruna, Maria Laura Cavalcanti e Maria Luiza Heilborn (1981). "Antropologia e feminismo." *Perspectivas antropológicas da mulher*. Zahar Editores, Rio de Janeiro.
- Grossi, Miriam Pillar (2003). "Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil." *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 261-280.
- _____ (2004). "A *Revista Estudos Feministas* Faz 10 Anos. Uma breve história do feminismo no Brasil." *Revista Estudos Feministas* 12(3), Florianópolis, pp. 211-221.
- Hamburger, Esther Império (2007). "A expansão do "feminino" no espaço público brasileiro: novelas de televisão nas décadas de 1970 e 80." *Revista Estudos Feministas* 15(1), Florianópolis, pp. 153-175.
- Jacks, N. A., Daiane Menezes e Elisa Piedras (2008). *Meios e Audiências. A emergência dos estudos de recepção no Brasil*. Editora Sulina, Porto Alegre.
- Klein, Carin (2007). "Mulher e família no programa Bolsa-escola." *Cadernos Pagu* (29), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 339-364.
- Landini, Tatiana Savoia (2006). "Violência sexual contra crianças na mídia impressa: gênero e geração." *Cadernos Pagu* (26), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 225-252.
- Luna, Naara (2009). "Fetos anencefálicos e embriões para pesquisa: sujeitos de direitos?" *Revista Estudos Feministas* 17(2), Florianópolis, pp.307-333.
- Maluf, Sônia Weidner (2002). "Corporalidade e desejo: tudo sobre minha mãe e o gênero na margem." *Revista Estudos Feministas* 10(1), Florianópolis, pp. 143-153.

- Matos, Auxiliadôra Aparecida de e Maria de Fátima Lopes (2008). "Corpo e gênero: uma análise da revista *TRIP para Mulher*." *Revista Estudos Feministas* 16(1), Florianópolis, pp. 61-76.
- Meirelles, Clara Fernandes (2009). *Prazer e resistência: A legitimação do melodrama nos contextos acadêmicos*. Dissertação de mestrado, Comunicação e Cultura, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Meyer, Dagmar Estermann, Luis Henrique Sacchi dos Santos, Dora Lúcia de Oliveira e Daniela Montano Wilhelms (2004). "'Mulher Sem-Vergonha' e 'Traidor Responsável': problematizando representações de gênero em anúncios televisivos oficiais de prevenção ao HIV/AIDS." *Revista Estudos Feministas* 12(2), Florianópolis, pp. 51-76.
- Miguel, Raquel de Barros Pinto e Joana Maria Pedro (2009). "Narrativas de leitoras da revista *Capricho*: memória e subjetividade (1950 a 1960)." *Cadernos Pagu* (33), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 253-264.
- Mira, Maria Celeste (2003). "O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar." *Cadernos Pagu* (21), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 13-38.
- Monteiro, Marko (2001). "Corpo e masculinidade na revista *VIP Exame*." *Cadernos Pagu* (16), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 235-266.
- Nascimento, Cecília Vieira do e Bernardo J. Oliveira, (2007). "O Sexo Feminino em campanha pela emancipação da mulher." *Cadernos Pagu* (29), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 429-457.
- Natansohn, L. Graciela (2005). "O corpo feminino como objeto médico e 'mediático'." *Revista Estudos Feministas* 13(2), Florianópolis, pp. 287-304.
- Pereira, Cláudia da Silva (2007). "Os *wannabees* e suas tribos: adolescência e distinção na Internet." *Revista Estudos Feministas* 15(2), Florianópolis, pp. 357-382.
- Pereira, Pedro Paulo Gomes (2009). "Violência e tecnologias de gênero: tempo e espaço nos jornais." *Revista Estudos Feministas* 17(2), Florianópolis, pp. 485-505.
- Piscitelli, Adriana, Iara Beleli e Maria M. Lopes (2003). "*Cadernos Pagu*: contribuindo para a consolidação de um campo de estudos." *Revista Estudos Feministas* 11(1), Florianópolis, pp. 242-246.

- Rial, Carmen (2007). "Guerra de imagens e imagens da guerra: estupro e sacrifício na Guerra do Iraque." *Revista Estudos Feministas* 15(1), Florianópolis, pp. 131-151.
- Ribeiro, Cláudia Regina; ROHDEN, Fabíola (2009). "A ciência na mídia e as estratégias de reafirmação da bipolaridade entre os gêneros: o caso do Globo Repórter." *Cadernos Pagu* (32), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 267-299.
- Ribeiro, Cláudia Regina e Vera Helena Ferraz de Siqueira (2007). "O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes." *Revista Estudos Feministas* 15(1), Florianópolis, pp. 217-241.
- Sabat, Ruth (2001). "Pedagogia cultural, gênero e sexualidade." *Revista Estudos Feministas* 9(1), Florianópolis, pp. 9-21.
- Schmidt, Simone Pereira (2009). "Cravo, canela, bala e favela." *Revista Estudos Feministas* 17(3), Florianópolis, pp.799-817.
- Sifuentes, Lírian (2010). *Telenovela e a identidade feminina de jovens de classe popular*. Dissertação de mestrado, Comunicação Midiática, Universidade Federal de Santa Maria.
- Silva, Marluce Pereira e Carmen Brunelli de Moura (2008). "Mídia e a figura do anormal na mira do sinóptico: a constituição discursiva de subjetividades femininas." *Revista Estudos Feministas* 16(3), Florianópolis, pp. 841-855.
- Zechlinski, Beatriz Polidori (2007). "'A vida como ela é...': imagens do casamento e do amor em Nelson Rodrigues." *Cadernos Pagu* (29), Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero - Pagu/Unicamp, pp. 399-428.